

DA FRONTEIRA

Foz do Iguaçu, março — Aqui, o Rio Iguaçu desemboca no rio Paraná; e do outro lado do Iguaçu é a Argentina, e do outro lado do Paraná é o Paraguai. No aeroporto encontramos, com seus uniformes de serviço sujos de terra vermelha, os oficiais do Regimento de Fronteira; o comandante e dois de seus oficiais são veteranos da F.E.E. Eles são cordiais não apenas com os seus colegas do Correio Aéreo Nacional como também com toda gente que chega do Rio. Querem ler jornais, querem saber notícias do Rio. Ou melhor: do Brasil.

Pois se a Argentina e o Paraguai estão juntos, o Brasil parece longe. Só os aviões (primeiro vieram os do Correio Aéreo, depois os da Panair e os da Real) nos fazem acreditar nele. As outras notícias descem às vezes, vagarosamente, o rio, ou, quando vêm de Curitiba ou Ponta Grossa, chegam aqui estrangalhadas pelos solavancos dos caminhões. Há também um heróico ônibus que, em tempo de seca, pode levar seus estóicos passageiros em dois dias a Ponta Grossa. Mas agora, que as chuvas ainda não findaram, ele é um mito. Uma estrada decente está em construção, mas logo ali na frente, no caminho de Cascavel, ela esbarra com a serra do Capacete. Enfim, o Brasil é longe, e até mesmo este Município comprido, com quase 30 mil quilômetros quadrados, é pouco mais do que um mito. O delegado me diz que seus praças fazem diligências a cavalo que duram cinco, seis dias. No quartel comi carne de vaca paraguaia, e no botequim bebi "caña" no lugar de cachaça. Mais de mil paraguaios, quase todos tendo atravessado o rio depois de uma revolução perdida, moram na beira de cá. Há muitos gaúchos. Há também poloneses, alemães e italianos — mas, somando tudo, esse Município imenso não chega a ter 17 mil habitantes.

No meio das tapeações e cavações há algumas coisas que funcionam no Brasil: aqui nesta beira do Paraná, como há tempos em Linhares, entre as matas do rio Doce, no Espírito Santo, ouço bendizer o Serviço Nacional da Malária, que fez um belo trabalho de saneamento. O vale do rio Doce teve ainda os benefícios do Serviço Especial de Saúde Pública — uma das raras coisas decentes que resultaram de nossos tristes acordos com Washington; vivendo hoje só com suas minguadas verbas brasileiras, e trabalhando no silêncio e na modéstia, ele continua a defender e educar muita gente pobre da roça e das pequenas cidades do interior.

Sim, é preciso não desanimar do Brasil: há um pouco por toda parte (muito pouco); alguns loucos que, talvez por hábito, talvez por distração, ou vício, ainda trabalham para ele. E há também as figuras do costume: aqui mesmo me contaram um caso de enriquecimento inexplicável — que toda gente explica... Mas não vou denunciar ninguém, não tenho provas. É um caso vulgar e melancólico, e apenas me parece mais feio por ser longe do Rio, onde essas coisas parecem naturais; por ser na fronteira, onde a gente tem uma tendência insensata a ser patriota...

Mas há um caso de terras doloroso, de que falarei em outra crônica. Doloroso porque aí não se trata de roubar a Nação, essa vasta mãe, mas de roubar seus filhos mais pobres e desgraçados, aquelas para quem ela tem sido sempre apenas madrasta — a gente da roça.

7/3/57

R. B.